

SERTÃO DE DENTRO
EPISÓDIO 5 – DONA ZEFA 2
TRANSCRIÇÕES DE ENTREVISTAS

DATA: 21.09.2016

ENTREVISTAS ALUNOS ESCOLA AGRÍCOLA EFASE

MONTE SANTO – HD III

[Aluna 1] – Eu sou da comunidade Mocano, Município Antônio Gonçalves, próximo à sede de Bonfim. Eu estudei anteriormente na “f” de Antônio Gonçalves, que é a EFA do município, só que por conta de lá não ter o ensino médio eu optei vir para cá, por ser um ensino diferenciado já que tinha começado meu ensino fundamental em uma EFA não tinha lógica de eu continuar o médio em um colégio público. Não que ele não seja um ensino comum, é um ensino bom, porem o ensino da EFASE é diferenciado.

[Geraldo off: Em que?]

[Aluna 1]... Em questão de se aprender tanto na teoria quanto na prática, entendeu? E tem outras disciplinas como as disciplinas da área técnica. Eu entrei aqui em 2014, no primeiro ano, e me formarei no próximo ano se deus quiser. O meu sonho é fazer medicina veterinária, por isso que eu optei estudar na área técnica aqui na EFASE.

De onde eu moro para cá é bem longe, então há muita dificuldade para chegar aqui. Por conta de questões financeiras, até Antônio Gonçalves eu venho pagando e lá tem transporte da prefeitura. Eu tenho também dois irmãos que estudam na outra EFA por isso então dificulta ainda mais. Mas aqui eu acho uma formação contextualizada. Tem uma grande importância porque é uma forma do jovem do campo permanecer no campo, não que possa prender-lo, mas que possa dar outras oportunidades alternativas para que ele não possa mudar para as grandes cidades em busca de uma melhor condição de vida. Porque muitas das vezes o jovem sai do campo procurando buscar melhores condições, vá para São Paulo e quebra a cara, porque chega lá, você pode ter pessoas conhecidas porem você não vai ficar dependendo das pessoas pelo resto da vida. Você procura ter sua independência financeira e aqui você pode conseguir se você realmente quiser. Você pode concluir o curso se você estiver realmente interessado, se for seu objetivo, você pode concluir o curso, e a partir da escola você pode encontrar um trabalho. E conseguir sua independência financeira.

[Geraldo off: Que maravilha! E qual é a possibilidade de você aplicar o que você está aprendendo aqui na região?]

[Aluna 1]... Se eu me formar como técnica e eu for contratada na região aí eu posso trabalhar na minha comunidade. Que é o que a gente procura, porque a minha comunidade é uma comunidade bem distante e que fica um pouco (esquecida). Lá não tem acompanhamento técnico. Então eu acho que a maioria dos jovens que estudam aqui na escola procuram se informar para fazer assistência técnica na sua comunidade ou na sua região.

[Geraldo off: Perfeito, é isso mesmo... e essa atividade técnica seria em que área?]

[Aluna 1]... Na área da pecuária e agricultura. Como a minha comunidade não tem caprinos a maioria das atividades estão voltadas para a pecuária trabalhada com bovinos. (...) Na questão de hortas, na questão de enxertias, de outras atividades aplicadas à agricultura.

[Geraldo off: Inclusive dos frutos regionais? Umbus?]

[Aluna 1]... Exatamente. Na minha comunidade não tem umbuzeiro mas aqui tem o viveiro que produz as mudas, então são explicadas as formas, como você produzir mudas enxertadas para a produção de umbuzeiros e na minha comunidade a gente tem aprendido formas de aração, formas de (...), que podem estar melhorando a plantação e produção de agricultura.

CLIP 23

[Geraldo off: Adilton, por que você está estudando aqui?]

[Aluno 1, Adilton] – Bom, meu nome é Adilton Silva de Jesus, e o interesse da gente optar pela escola agrícola família é pelo fato da gente já estar há um bom tempo, a través dos movimentos sociais, então é uma escola que vem dando um suporte e uma parceria com os movimentos sociais. Então a gente consegue ter essa facilidade da gente chegar numa escola como essa e a gente ter um desempenho esperado. Devido à gente estar aqui na escola é uma contribuição que tanto o movimento como a escola dá para o aluno que é da zona rural, que é menos favorecido. Quando a gente vem analisar a questão do ensino fora da escola então muitas vezes a gente por ser da zona rural sofre preconceitos e escola trabalha com uma metodologia totalmente diferenciada... Então, um estudo contextualizado, alguma coisa que você vai fazer também pelos outros... Então, o objetivo em si não é a gente se profissionalizar e ficar só para a gente. É pelo fato da gente também dar nossa contribuição porque já houve lutas anteriores que sucedeu nessa luta que a gente estamos vivenciando hoje.

[Geraldo off: Em que consiste essa contribuição?]

[Aluno 1, Adilton] – A gente faz parte de um curso pelo PRONERA, que é preferencial para quem é da zona rural, então a gente passa 45 dias aqui na escola e três meses em comunidade, então os 45 dias a gente passa aqui na escola e três meses em casa, então é um período de alternância. Então a gente, como eu sou casado, né, tenho dois filhos e minha mulher faz tecnólogo em agroecologia aqui na escola também. Então por isso que nós optamos pela escola pelo fato da gente se sentir bem acolhido e se desenvolver na companhia dos colegas também. Isso bem fazendo com que a gente permaneça nesses 45 dias aqui na escola.

[Geraldo off: Que é o que você está aprendendo aqui?]

[Aluno 1, Adilton] – Bom, a questão da utilidade do curso em si. O curso se resume em a gente aprender e transferir conhecimentos. Então, na medida em que a gente aprender alguma coisa aqui na escola, essa parte que a gente aprendemos, nossa missão é desenvolver isso nas nossas comunidades e nas comunidades vizinhas também que pertencem também a uma questão de organização através dos movimentos sociais. Então, nós, ao mesmo tempo que a gente aprendemos nós (...) para o movimento que tem um suporte para que outras pessoas tenham acesso a essa informação com qualidade e que a gente consiga diminuir ainda a pobreza em sim como é criado e divulgado. Porque o nordeste não tem condições de se produzir. Então, essas técnicas que a gente aprendemos são justamente para a gente tirar esse mito que no nordeste não dá para viver.

[Geraldo off: Me diz algumas coisas que você está aprendendo aqui...]

[Aluno 1, Adilton] – Bom, a questão de caprinas, a questão de sanidade do alimento, a questão de forragem, de que a gente temos que garantir forragem com os próprios recursos naturais que a gente temos, a questão das plantações e das culturas, tanto da cultura forrageira como as culturas comestíveis né? Então a gente temos algumas práticas como o controle de pragas de forma biológica, trabalhar de forma agro-ecológica... Então tem alguns aspectos que a gente tem como estar introduzido para que a gente ter uma boa produção sem estar agredindo o médio ambiente. Então técnicas favoráveis para isso.

CLIP 24

[Geraldo off: Então vamos lá, Valdir, de onde você é e porque você está aqui?]

[Aluno 1, Valdir] – Bom, primeiramente boa tarde, eu sou Valdir, eu sou lá do assentamento Alto Bonito do município de Cansanção, e eu venho de lá, eu iniciei o curso aqui da EFASE Família Agrícola do Sertão, em 2012, conclui o ensino médio no ano 2015 e hoje estou cursando o curso de tecnologia em agroecologia já de nível de graduação superior... o curso

perdura de três anos e médio e a gente está aí porque acredita na possibilidade de uma transformação social e a gente acredita também na... em uma nova maneira de se viver, de produzir vivendo a terra.

[Geraldo off: Qual é essa nova maneira?]

[Aluno 1, Valdir] – No (núcleo) de tecnologia e agroecologia é aportar na agorecologia como uma nova maneira de viver e produzir do campo. Ou seja, a gente sabe que sistema de produção que a gente tem, o sistema de produção capitalista, ele distancia a relação homem natureza, ele faz com que as pessoas vejam a natureza não como ele parte dela, e a gente sabe que o homem é parte da natureza, e a agroecologia vem justamente dessa perspectiva, de reintegrar essa relações “deteriorizadas” pelo sistema capitalista e reaproximar o homem da natureza, (tem de vista) que ele é parte dela. Em relação da importância social da escola para a juventude do campo de maneira geral, a gente vê o seguinte: a gente quando é jovem camponês as oportunidades são muito limitadas para a gente, e aí quando a gente tem por exemplo a construção dessa escola no médio rural é de uma relevância assim... é altíssima, porque a gente sabe que na nossa região as escolas tradicionais, a escola pública, a educação é completamente direcionada para alimentar na verdade o sistema que a gente tem hoje. E as escolas, as EFAS, as EFAS em geral, não só a de Monte Santo, as EFAS de modo geral, trabalham muito com a questão da educação contextualizada. O que é a educação contextualizada? A educação é contextualizar, ou seja, trazer para a realidade do indivíduo, estudar o médio em que ele vive, o médio em que ele está inserido. A partir disso aprender como viver, como conviver e subsistir nessa médio em que ele está inserido.

[Geraldo off: Como é esse se inserir?]

[Aluno 1, Valdir] – Relacionado a essa contextualização da educação eu quero começar por mim mesmo. Por exemplo, antes de eu entrar, de iniciar o curso aqui na EFA, eu mesmo sendo morador de um assentamento, eu não tenho uma perspectiva, uma visão de futuro, uma visão crítica da sociedade. E outra coisa que é a inserção de um indivíduo formado na EFA, na recepção dele na sociedade, é por exemplo, ao concluir o curso aqui a gente sai formado em agropecuária e a partir de aí a gente tem uma visão de contribuir repassando esse conhecimento que a gente tem adquirido na escola para a comunidade. Ou seja, além de repassar de aquela contribuição social com as pessoas que também vivem lá é a parte prática. Por exemplo, aqui a gente na parte de (isotecnia), agricultura... a gente é muito... a maneira correta por exemplo de produzirmos só, a maneira correta de cultivar determinada cultura, a maneira desse período (traços culturais) essas coisas. E na parte agropecuária por exemplo a gente estuda todos os manejos... manejo sanitário, manejo alimentar, nas determinadas categorias de dar produção animal. Aí é mais ou menos isso.

CLIP 25

[Geraldo off: Então tá, tá? Qual é seu nome?]

[Érica (suponho que o nome seja escrito dessa forma)] Érica.

[Geraldo off: Érica. Tá pronto?]

[Câmera off: Pronto]

[Geraldo off: Então Érica, é isso. Eu quero saber de onde você é, por que que você veio pra cá, o que você tá estudando aqui e o que você pensa fazer com o que você tá estudando. Como é que você, se você, vai voltar pra terra, o que que você vai fazer?]

[Érica] Bom, como você já falou o meu nome é Érica, eu sou lá do assentamento Morada Nova no município de cansanção, que é aqui próximo. Sou filha de agricultor, camponês, vive da roça, trabalha na roça pra tirar o sustento. Então assim, tem oito, tem sete anos que eu estou na caminhada. Eu venho de outra EFA, que é lá no município de Itiuba. É, a gente vê... É uma das principais, a primeira foi da primeira turma que é lá da EFA. E a gente construiu a EFA com o objetivo de contextualizar uma realidade nossa. Porque o ensino que se tinha nessa época, e até hoje ainda prega, não é um ensino voltado para nós filhos de agricultores que vive no campo. Então, aí deu início a EFA lá com a primeira turma. Aí quando foi 2013/14 a gente veio pra EFA aqui de Monte Santo e estamos aí. Porque assim, nós jovens filhos de camponeses, a gente prega viver no campo e as escolas tradicionais, que é as escolas públicas, ela forma os alunos pra ir trabalhar no mercado nas grandes capitais. E não forma um aluno ensinando a sua forma de viver no campo, na realidade dele. Ele sempre traz uma realidade de outras regiões, nunca a realidade da caatinga, ele não retrata sobre a caatinga, como viver aqui, como plantar um feijão, essas coisas. Então, a EFA vem com esse intuito na formação do início aqui da EFA de Monte Santo que foi com esse objetivo, que os agricultores pais de alunos resolveram, com a luta, junto com o movimento e com todos os agricultores da região, formar a EFA e que venha fortalecer isso cada vez mais. E que a gente possa através do nosso conhecimento adquirido na escola, tanto na sala de aula quanto nos momentos práticos que a gente realiza também, chegar em nossa comunidade junto com os nossos agricultores e que a gente possa socializar o nosso aprendizado. Isso tanto na área agrícola, que é na questão de plantação, quanto na área pecuária que na questão de orientação para um melhor criar os animais. Onde a gente possa aprender novas técnicas para melhorar o nosso rebanho de caprinos e bovinos, melhorar nossa produção agrícola e tirar o nosso sustento daquela própria, da nossa própria localidade, nossa propriedade.

[Geraldo off: É isso mesmo. Mas me diga uma coisa, você deu um exemplo aí, aprender a plantar o feijão. Você falou assim não foi? Como é que se planta o feijão?]

[Érica] É, quando a gente, quando eu falo isso, é... No modo convencional, visto pelo agronegócio, ele visa a extensão de uma grande área plantada de uma só cultura, do feijão. E na nossa prática a gente aprende a fazer o policultivo. Onde a gente planta o feijão em algumas carreiras de feijão e entre duas carreiras de feijão a gente planta uma de milho. Então fica o milho numa extensão mais alta, de mais ou menos um metro e o feijão mais próximo. Então isso possibilita ao agricultor a plantar numa pequena propriedade feijão, milho, melancia, abóbora, melão, tudo naquela mesma propriedade, tudo naquela mesma área. Então a gente que estuda aqui na escola a gente visa isso, a formar os agricultores pra que eles tirem a forma que é imposto pra gente através dos meios de comunicação, uma

agricultura volta ao agronegócio. E com essa prática também possibilita também a diminuição de insetos que venham prejudicar a produção, por que uma planta vai inibindo um inseto da outra. Então isso ajudando de alguma forma.

[Geraldo off: Entendi. E na criação do animal, qual é o diferencial? O que você aprende que é diferente na criação da cabra, dos bovinos, da galinha, enfim.]

[Érica] Então, quando a gente realiza o estudo a gente conhece todo o sistema de reprodução dos caprinos, dos bovinos, o modo de criar, quais são as práticas necessárias para que tenha uma produção que não venha a prejudicar nem o ambiente que o animal está vivendo e nem as perdas econômicas pro agricultor. Então a gente faz, realiza alguns estudos de manejo sanitário, alimentar, quais são os alimentos que vão proporcionar pro agricultor a ter um bom rendimento do seu animal, pra não criar na forma rústica como é dita pelo capitalismo. Ele diz que, ele prega que o agricultor não sabe plantar, que o agricultor não tem como ter animais de qualidade. E ele pode ter animais com boa estrutura, com boa formação genética, animais que possam ser exposto e vendido dando um valor, agregando valor ao animal.

[Geraldo off: OK. Muito bom.]

CLIP 26

[Geraldo off: Então, eu quero saber coisas assim, eu to pra te perguntar uma coisa, fala normal. Eu quero saber de onde você veio, porque você veio aqui, o que você tá aprendendo aqui e pra que espera usar esse aprendizado que você tá fazendo aqui. Entendeu? Em resumo é isso. Mas eu não interfiro, viu?]

[Brown, Aluno] – Com as minhas palavras mesmo, né? Tá ok.

[Geraldo off: Tá pronto?]

[Brown, Aluno] - To pronto sim.

[Geraldo off: Então pode começar! Como é seu nome?]

[Abraão, Aluno] -É, meu nome é Abraão David Borges Filho. Eu sou de uma comunidade quilombola do município de Bom Jesus da Lapa. Sou do Oeste da Bahia. Eu faço parte do movimento CETA, foi a entidade a qual me indicou para vir pra essa instituição.

[Geraldo off: E o que é a CETA?]

[Abraão] - CETA é o movimento dos trabalhadores e das trabalhadoras, assentados e assentadas e quilombolas do estado da Bahia. A sigla não tem nada a ver com o nome mas essa foi uma entidade que foi criada devido a uma necessidade de um movimento para representar os movimentos sociais, que no caso eram as associações das comunidades quilombolas de assentados e acampados. Como eu já tinha dito, devido a necessidade dos agricultores estudarem e se capacitar pra poder continuar vivendo no campo, a escola, que no caso é essa Escola de Família Agrícola do Sertão, tem um curso técnico que é o curso de

técnica pecuária que ele dá aula relacionada ao nosso dia a dia. E agora essa necessidade fez com que as entidades e os sindicatos vir até aqui estudar.

[Geraldo off: De longe?]

[Abraão] - De longe, do sudoeste da Bahia. E tem uma dificuldade da gente chegar até aqui mas vale a pena.

[Geraldo off: E como foi que te escolheram?]

[Abraão] - Sim. Porque assim, dentro da própria comunidade tem os militantes. E eu sou o filho do presidente da associação, também fiz parte da organização da juventude dentro da associação, fui coordenador de programas comunitários dentro da associação também uma época. E, agora assim, essas pessoas são selecionadas, não é qualquer aluno...

[Geraldo off: E o que você tá aprendendo aqui?]

[Abraão] - Aqui eu to aprendendo tudo relacionado a vida do campo. Como você trabalhar com o plantio, como você trabalhar com o animal, como você saber sobreviver enfrentando as dificuldades que a gente tem hoje, que é as questões climáticas independentemente de qualquer região, e também saber viver com harmonia juntamente com o meio ambiente. Sem, no caso, degradar o meio ambiente que é o nosso objetivo. Sim. E também que assim, os alunos formados aqui como eu já tinha citado são todos de comunidades rurais, a maioria, tem uma necessidade de tar conseguindo se produzir, fazer a comunidade produzir de alguma forma pra evitar o êxodo rural, que é a migração dos jovens do campo para a cidade. E o meu objetivo aqui é totalmente esse, eu que sou um dos representantes da minha comunidade que era duas pessoas, eu e uma colega, mas por questões de saúde ela veio a desistir. E eu estou aqui com o desafio de aprender o que eu estou aprendendo e depois levava para, transmitir pra minha comunidade de forma prática e também, como posso dizer, teórica. Que assim, eles entendem a parte prática de como fazer toda a atividade agropecuária, tanto na parte da agricultura quanto na pecuária de criação de animais e eu vou entendendo mais o lado teórico para chegar lá e explicar pra eles...

[Geraldo off: Como é o nome da sua comunidade?]

[Abraão] - A minha comunidade é Quilombo Bebedouro.

[Geraldo off: E fica onde?]

[Abraão] - Fica no município de Bom Jesus da Lapa. É uma comunidade que contém hoje 70 famílias, uma comunidade considerada pequena mas todos descendentes de quilombos, de pessoas que sofreram ao longo do passado. Mas a comunidade está representada por uma associação dentro da comunidade. Quase todas as famílias são sócias e eu além de sócio sou estudante e sou contribuidor do conhecimento pra levar pra eles. E assim, é um desafio. Um desafio muito grande que a gente passa por algumas dificuldades, não aqui na escola, mas para chegar até aqui a gente corre sérios riscos de transportes, esse negócio. A violência está muito grande, mas tipo assim, a gente vem com aquele objetivo de poder através das dificuldades levar o melhor, pensando num futuro melhor para as nossas comunidades. E fazendo com que o meio rural possa produzir a subsistência do povo do campo.

[Geraldo off: Eu estou satisfeito. Alguém quer fazer alguma pergunta? Abraão, muito obrigado.]

CLIP 27

[Abraão] - Pode né? Aqui, como eu tinha dito, é o Mandacaru representando a nossa resistência, que é uma planta da caatinga que é um cactu, uma cactácea que representa a resistência. Aqui tá o sol que é o sol do nosso dia a dia. A enxada, que é a nossa ferramenta de trabalho do agricultor. E o lápis que é do estudante, do aluno, que vai aprender e levar esses conhecimentos teóricos pra comunidade.

[Geraldo off: E em cima o nome.]

[Abraão] - E aqui em cima tem o nome da escola, Escola Família Agrícola do Sertão que está situada também no município de Monte Santo, Bahia. Norte da Bahia. E aqui tá a terra que representa algumas ervas aqui que são... Representa a caatinga. É isso.

[Geraldo off: Pronto.]